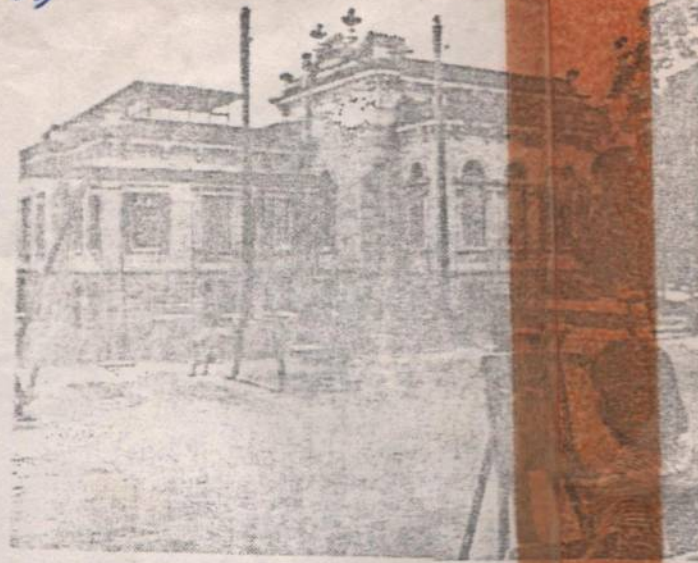


A DISSONÂNCIA MODERNOSA NA PAISAGEM DO PARQUE

65



EM 1840, o arquiteto inglês John Tyndale era convocado para duas tarefas no Rio. A primeira delas, a de domar uma parte da mata selvagem que subia pelas encostas do Corcovado, transformando-a em civilizado jardim; a segunda, construir uma casa que representasse o que havia de mais elegante e melhor na ocasião. O inglês não fez por menos: até hoje, quem visite o Parque Lage reconhecerá a elegância européia do século passado em seus jardins, apesar do atual estado de maltrato e abandono. Quanto à casa, cresceu em mansão, ataviada de mármore italiano, os tetos decorados com as cores quentes de uma pintura ainda vinculada ao Classicismo. Em 1859, Antônio Martins Lage adquiriu casa e jardins por 8 contos de réis, do então proprietário Rodrigo de Freitas Mello. Hoje, a propriedade é de todo o mundo, porque

Fotos de Almir Veiga



Portinari pintou o painel sobre as saídas do conduto de ar, previamente marcadas, da maneira que nenhum detalhe de sua criação fosse prejudicado

"é do Governo" (Isaura Cruz Azevedo, 65 anos, frequentadora, ela e o neto Pedro Paulo, do playground) e, ao mesmo tempo, não é de ninguém. Pelo menos, para efeito de conservação.

A *via crucis* do Parque Lage iniciou-se na década de 50. Era parte do espólio do industrial Henrique Lage, que o destinou, por testamento, à União. Como o espólio devia ao Banco do Brasil, ficou o Banco com a propriedade, como pagamento. Mas, em junho de 1957, o IPHAN iniciou o processo de tombamento. No começo da década de 60, o então Presidente Juscelino Kubitschek tornou o tombamento sem efeito (cancelado pelo IPHAN, definitivamente, em maio de 1961) e, logo depois, uma grande parte do Parque era vendida à Empresa São Marcos Comércio e Indústria de Materiais de Construção S/A. Antes que a São Marcos iniciasse as construções no local (faria residências luxuosas, de um ou dois pavimentos), um decreto estadual de novembro de 1964 declarava o imóvel de utilidade pública, para efeito de desapropriação. Seguiu-se longa querela sobre quem tinha direito a que. Em 1964, fez-se nova tentativa de tombamento. Afinal, em março último, decreto do Presidente da República encerrava a questão, desapropriando o Parque e vinculando-o ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da União.

Dois meses depois do decreto presidencial, o Parque Lage e a velha mansão de 131 anos ostentam, principalmente a casa, uma triste fisionomia. Sobre o terraço centenário — e tombado — ergueram dois pavilhões de madeira compensada, cobertos de folhas de amianto, quebrando a solene harmonia arquitetônica do inglês Tyndale e desfigurando a casa onde moraram Henrique Lage e Gabriela Besanzoni Lage, famosa cantora lírica; a casa que dignificou mais ainda as terras do velho fazendeiro Sebastião Fagundes Varela, o primeiro proprietário. No pavilhão à esquerda de quem entra, funciona uma carpintaria; no da direita, dependências de recém-criada Escola de Artes Visuais, ligada ao Instituto Estadual das Escolas de Arte — Ineart — substituta do antigo Instituto de Belas-Artes.

Roberto, jovem de 20 anos, cabelos abertos no já antigo estilo *hippie*, calças de velhos remendos, artista pintor (segundo ele mesmo) e candidato a diploma pela nova Escola, nada vê de estranho nos antiestéticos pavilhões. "O que é que tem? Não acho que prejudique. Um negócio até legal. O prédio é que é antigo demais." Saíra, paisagista, frequenta o Parque Lage há muitos anos da sua longa e vida prefere ignorar os pavilhões. "E. Estão ali. Uma pena. Estragam a linha original do prédio." E Ana Luísa, jovem de 20 e poucos anos, atenta à sua tela e às suas tintas, limita-se a comentar: "Isso aí em cima, no terraço? Mas eles estão mexendo em tudo, modificando tudo. Se obedecem ao Patrimônio ou não, isso não sei. Sei é que mexem. Não estão contentes em mexer no prédio da Escola. Agora resolveram que nós, pintores que ficamos do lado de fora, somos demais. Os galpões lá em cima não são demais, na opinião deles. Nós somos: querem nos mandar embora daqui."